

# A representação hierofânica do rio no clã dos Malilanis: uma análise do simbolismo das águas no romance “Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra, de Mia Couto

**Altair Sofientini Ciecowski**

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras  
PPGLEtras da Universidade do Estado de Mato Grosso  
Campus Universitário de Sinop. altairart@yahoo.com.br.

**Amarildo Bertasso**

Especialista em Coordenação Pedagógica  
Escola Estadual Oscar Soares – Juara/MT.  
bertadin2016@gmail.com

**RESUMO:** Pretende-se neste artigo, demonstrar através das narrativas presentes no contexto ficcional do romance *Um Rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do autor moçambicano Mia Couto, evidências de experiências hierofânicas expressas através do Rio Madzimi, que separa a pequena ilha de Luar do Chão de sua cidade mais próxima. Na observância do enredo da obra, notou-se que o Clã dos Malilanis (Marianos, em sua forma aportuguesada), que tem em Dito Mariano, seu patriarca, tradicionalmente atribui ao rio um valor especial, notadamente envolto em um ar de sacralidade, que manifesta seu potencial caráter hierofânico. Para o presente estudo dialoga-se, entre outros, com os autores Mircea Eliade (2012) e Waldomiro Piazza (1983).

**Palavras-chave:** Rio; hierofania; sagrado.

## THE HIEROPHANIC REPRESENTATION OF THE RIVER NO ROMANCE OF MIA COUTO

**ABSTRACT:** This article aims to demonstrate through the narratives present in the fictional context of the novel *Um Rio called time, a house called land*, by the Mozambican author Mia Couto, evidences of hierophanic experiences expressed through the Madzimi River, that separates the small island of Moonlight from your nearest town. In observing the plot of the work, it was noted that the Clan of the Malilanis (Marians, in its Portuguese form), which has in Dito Mariano, its patriarch, traditionally attributes to the river a special value, notably wrapped in an air of sacredness manifests its potential hierophanic character. For the present study, the authors, Mircea Eliade (2012) and Waldomiro Piazza (1983).

**Keywords:** River; Hierophany; sacred.

## 1 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade é possível identificar diversos povos que concebiam os rios como elementos sagrados. Ainda hoje, muitos grupos religiosos entendem que a água desempenha um papel purificador, e é tratada, portanto, com reverência e respeito. Segundo a pesquisadora Vandana Shiva (2003, p. 136), “Na Índia, todo rio é sagrado. Os rios são considerados extensões e manifestações parciais dos deuses, do divino”.

Somado a isso, diversos cultos e rituais são realizados nas margens de rios, fontes e riachos, e, conforme Eliade (2008, p.162) “Cultos que se devem, em primeiro lugar, ao valor sagrado que a água incorpora em si”.

No que tange ao romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto, vemos que a personagem protagonista Marianinho precisa retornar à sua terra natal, uma terra que tem sentido de *matriz feminina*, onde há o desenvolvimento da vida, mas mais que isso, ele precisa retornar também para as tradições que envolvem o rio, onde as águas têm o sentido do *germe masculino*, que deveras geram a vida no seio da terra (PIAZZA, 1983, p. 163).

Debruçando-nos sob o tecido ficcional da obra, parece-nos que apresenta evidências de um tratamento sacralizado dispensado ao Rio Madzimi, na ilha de Luar-do-Chão. “Nós somos o rio” (COUTO, 2002, p. 214).

Estas concepções variadas do sagrado sempre acompanharam o ser humano. Na realidade, conforme Eliade (1969, p. 9), “a consciência de um mundo real e com sentido está intimamente relacionada com a descoberta do sagrado”. Ainda nesta acepção, o pesquisador, de forma lúcida, complementa:

Basta dizer que o sagrado é um elemento da estrutura da consciência, e não um estágio na história da consciência. Um mundo com sentido – e o homem não pode viver no caos - é o resultado de um processo dialético a que se pode chamar manifestação do sagrado. (ELIADE, 1969, p. 10).

A exemplo do que acontece com a personagem Juca Sabão, amigo dos Malilanis, que na obra miacoutiana resolve “decifrar os primórdios da água, ali onde a gota engravida e começa o misssanguear do rio”, (COUTO, 2002, p. 61), faremos um percurso no texto literário onde observaremos como as personagens do romance, em especial os familiares de Marianinho (o clã dos Malilanis) concebem e se relacionam com o rio que entrecorta a ilha, hospedeira dos costumes e das tradições dos povos que ali residem. No tocante à personagem Marianinho, as águas são, também, elementos que remetem às recordações do período que vivera na ilha. “Apenas uma lembrança, em nós, da água que já fomos”. (COUTO, 2002, p. 20).

A forma como as personagens reverenciam estas águas faz-nos crer em uma concepção hierofânica que as personagens tinham em relação ao rio, conforme se depreende pelo fragmento a seguir: “Estava escrito o respeito pelo rio, o grande mandador. Acatara-se o costume” (COUTO, 2002, p. 26).

As águas, simbolicamente, são potencializadas de virtudes e, de acordo com Eliade (2012, p. 151), “São reservatórios de todas as possibilidades da existência; elas precedem toda forma e sustentam toda a criação. A imagem exemplar de toda a criação é a ilha que subitamente se ‘manifesta’ em meio às águas”.

Na esteira das tradições ancestrais que envolvem suas águas, o Rio Madzimi é testemunha dos mistérios que envolvem aquele local, bem como dos segredos da família do avô Dito Mariano, que na iminência de morrer, começa a descortinar um passado que precisa vir à luz, passar por uma purificação para só então a morte ‘ser concretizada’ sob a tutela do rio que acompanhou sua existência: “lavemo-nos no rio. Todavia cumpro o ritual, preceito a preceito (COUTO, 2002, p. 240).

Neste desaguar de rituais e preceitos, a personagem Marianinho mergulha em suas memórias e é conduzido pelas ‘águas do tempo’ às antigas tradições dos antepassados dos Malilanis.

Para levar a termo nossa pesquisa, dialogamos, entre outros, com os pesquisadores Mircea Eliade, tendo como referência as obras *Origens: História e sentido na religião* (1969), *Tratado de história das religiões* (2008), *Imagens e símbolos* (2012), *O sagrado e o profano* (2018) e Waldomiro O. Piazza, através de sua obra *Introdução à fenomenologia religiosa* (1983).

## 2 A ILHA DE LUAR DO CHÃO E O RETORNO DE MARIANINHO

A obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), apresenta-nos em seu enredo o jovem Marianinho (homônimo de seu avô, Dito Mariano), personagem protagonista do romance que, sendo estudante universitário na cidade, recebe um dia a presença de seu tio Abstinência, filho mais velho de Dito Mariano, a quem, segundo as tradições, cumpre “anunciar a morte de seu pai” (COUTO, 2002, p. 15).

Atendendo ao chamado da família, Marianinho inicia então seu retorno a Luar-do-Chão, para tanto precisa atravessar o rio que marcou sua infância e que continua ainda sendo uma referência para todos os moradores da ilha, o Madzimi: “Cruzo o rio, é já quase noite. Vejo esse poente como o desbotar do último sol” (COUTO, 2001, p. 15).

Depois de muitos anos distante da ilha e de tudo que envolve a cultura e as antigas tradições de seu “clã, os Malilanis. Ou, no aportuguesamento: os Marianos”. (COUTO, 2002, p. 18), ele descobre que precisa comandar as cerimônias fúnebres de seu avô.

Já na ilha de Luar-do-Chão, Marianinho encontra familiares distantes, “vindos de todo o país ” (COUTO, 2002, p. 18), que na chamada Nyumba-Kaya, a grande casa dos Malilanis, chegavam para as cerimônias fúnebres.

Não demora para que a personagem protagonista do romance descubra que na realidade seu avô, conforme diagnóstico do médico da ilha, Amílcar Mascarenhas, se encontrava em estado cataléptico<sup>1</sup>. Dito Mariano “teimava em não morrer completamente” (COUTO, 2002, p. 37).

A partir de então, o autor faz uso de elementos fantásticos, conforme se observa na comunicação através de cartas (nove cartas ao todo) que o avô Dito Mariano escreve para Marianinho e que vão surgindo misteriosamente, nelas constam informações sobre a família, orientações sobre a nova liderança que o neto deveria assumir e, até mesmo diretrizes sobre como deveriam ser cumpridos os procedimentos ritualísticos das exéquias: “Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos”. (COUTO, 2002, p. 65).

Face ao exposto, podemos perceber que a personagem Marianinho se configura como alguém que pertence a dois mundos diferentes: a cidade onde cumpria seus estudos e a terra de sua origem, Luar-do-Chão. No retorno à ilha e suas antigas tradições, enfrenta conflitos familiares e intrigas, descobertas e surpresas que lhe marcaram profundamente, dentre elas a verdade sobre quem, de fato, eram seus verdadeiros pais (Dito Mariano e Admiração) e sobre como teria se dado a misteriosa morte daquela a quem, até então, ele achava ser sua mãe, Mariavilhosa.

Entre tantas descobertas, por ocasião de seu retorno Marianinho precisa conviver ainda com a triste degradação que encontrara na ilha. “Não são apenas casas destroçadas: é o próprio tempo desmoronado”. (COUTO, 2002, p. 27). A degradação do ambiente e até mesmo da família, o impelem a buscar, consoante as revelações feitas por seu avô, formas de salvar sua terra e ir em busca de seu passado.

O Rio que Marianinho atravessara para chegar à ilha onde habitam os Malilanis, como dito, é envolto em muitas tradições e costumes e possui, por parte dos moradores locais, notadamente os familiares de Marianinho, uma profunda essência de sacralidade.

Na sequência, fundamentado nas narrativas expressas no romance de Mia Couto, esperamos estabelecer uma relação entre experiências hierofânicas do sagrado e prováveis conexões estabelecidas com o Rio Madzimi.

### **3 O RIO COMO REPRESENTAÇÃO HIEROFÂNICA**

---

<sup>1</sup> A catalepsia é uma condição, na qual o paciente apresenta uma incapacidade total para mover os membros, a cabeça ou até falar. Em alguns casos, os eventos de catalepsia podem ser confundidos com a morte, pois a respiração também é afetada.

A palavra hierofania vem de duas outras palavras gregas: “hierós” (santo, sagrado) e “fanein” (manifestar). Para o mitólogo romeno Mircea Eliade, a hierofania é toda e qualquer manifestação do sagrado (ELIADE, 2018, p. 17).

Para tornar mais claro o conceito de hierofania, remetemos ao autor Piazza (1983, p. 150-51) que ao explicar o conceito, lança mão do exemplo simbólico de uma árvore. Segundo o pesquisador, ela se torna uma hierofania quando as pessoas veem nela “uma realidade que transcende a própria realidade da árvore”.

O mesmo autor ainda dá mais um exemplo, desta vez tendo como elemento simbólico o sol. Piazza estabelece uma distinção fundamental, evitando alguns equívocos, entre manifestações do sagrado e adoração:

“O sol é uma das hierofanias essenciais de todas as religiões. Ele aparece ao mesmo tempo como aquele que torna possível a vida pelo calor que emana. O sol, no entanto, não é adorado enquanto objeto material, mas enquanto manifesta um poder ao mesmo tempo iluminante e vivificante. O sol é como um sacramento do mundo pagão, na medida em que é o sinal visível de uma realidade invisível. (PIAZZA, 1983, p. 147-48).

Ainda nesse horizonte, é possível distinguir dentro do conceito de hierofanias, as *cratofanias*, que são manifestações da potência divina em elementos da natureza (raio, fogo, inundação, terremotos...), as *teofanias*, marcadas por manifestações pessoais de Deus em visões, sonhos, audições e as *ontofanias* que são manifestações do poder divino, por exemplo, em pedras e montanhas. (PIAZZA, 1983, p. 139).

Parece-nos que ao contemplar a teia ficcional da obra de Mia Couto, encontramos um processo hierofânico que se caracteriza como *ontofania*, haja vista o conceito de sacralidade que os moradores da ilha de Luar-do-Chão atribuíam ao Rio Madzimi. Tanto por sua grandiosidade, onde consideram-no como uma “cobra que tem a boca na chuva e a cauda no mar (COUTO, 2002, p. 61), quanto pelos costumes antigos de respeitá-lo, conferindo-lhe um misterioso caráter de personalidade. As mulheres que se banhavam no local, por exemplo, antes de entrar na água, cumprem com o tradicional costume: “cada uma delas pede permissão ao rio”, (COUTO, 2002, p. 211).

Do ponto de vista antropológico, essa cosmogonia aquática, consoante o que nos diz Eliade (2012, p.152), “corresponde às *hilogenias*, as crenças segundo as quais o gênero humano nasceu das águas”, isto posto, remete-nos também para o que Pires laranjeira (1995, p. 125) relata na obra *Literaturas Africanas de expressão Portuguesa*, segundo o autor “na Antiguidade, os rios eram divindades sagradas”.

Nesse mesmo sentido, no romance de Mia Couto, a personagem protagonista Marianinho ao retornar à ilha acompanhado de seu tio Abstinência e se deparar com as antigas tradições de seu Clã, os Malilanis, vê-se com a incumbência de

prestar reverências ao rio, detentor de uma simbologia que remete à sacralidade, conforme o texto literário apresenta a seguir:

Na praia esperam-nos. É a família, quase completa. Os homens à frente, pés banhados pelo rio, acenam-nos. As mulheres atrás, braços de umas cruzando braços de outras como que segurando um só corpo. Nenhuma delas me olha no rosto. Quando me dispunha avançar, o tio me puxa para trás, quase violento. Ajoelha-se na areia e, com a mão esquerda, desenha um círculo no chão. Junto à margem, o rabisco divide os mundos – de um lado, a família; de outro, nós, os chegados. Ficam todos assim, parados, à espera. Até que uma onda desfaz o desenho na areia. Olhando a berma do rio, o tio Abstinência profere:  
- O homem trança, o rio destrança”. (COUTO, 2003, p. 26).

O Rio Madzimi, sob esta égide, é visto como elemento simbólico onde se amálgamam as narrativas da família, com seus conflitos e angústias. A escolha de certos elementos do cosmo, como o Rio Madzimi para os Malilanis, segundo critérios de forma, eficácia ou singularidade, apresentam-se, conforme Piazza (1976, p.146) “no princípio da *pars pro toto* (a parte pelo todo), pois tais elementos manifestam, pela sua singularidade, uma presença particular de algo mais amplo e superior: o Sagrado”.

Não obstante, a crença nesta sacralidade se apresenta de uma forma tão intensa que algumas personagens aludem ao fato de seus destinos estarem atrelados ao rio: “sabia como o destino de ambos estava ligado ao Rio Madzimi”. (COUTO, 2002, p. 102).

Na crença dos Malilanis, o rio os acompanhava desde sempre, acentuando seu caráter de eterno: “O rio é como o tempo! Nunca houve princípio.” (COUTO, 2002, p. 102). Com efeito, para Eliade, (2012, p.151) “As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: elas são *fons e origo*<sup>2</sup>, reservatório de todas as possibilidades de existência; elas *precedem* toda forma e sustentam toda criação”.

Recorrendo ao texto literário percebemos que os moradores da pequena Ilha de Luar-do-Chão acreditavam sobremaneira que as águas conservavam um caráter de purificação. O coveiro da ilha, Curozero Muando, por exemplo, lança mão das águas como método de regeneração: “É assim que os coveiros fazem para se purificarem”. (COUTO, 2002, p. 157). Segundo Eliade (2012, p. 152) em qualquer grupo religioso as “As águas conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas [...], são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras”.

Não raro, na obra em questão, encontramos as personagens se aproximando constantemente do rio, até porque, como bem assegura Eliade (2012, p.151), “o contato com a água supõe sempre uma regeneração”.

---

<sup>2</sup> Fons et origo é um termo latino que significa "origem e origem". O uso típico do termo descreve Atenas como o fons et origo da democracia, ou a Itália como fons et origo da música clássica.

Por outro lado, percebemos também uma busca das personagens por um contato maior com o Divino por meio da meditação e oração feitas próximo ao rio, como o padre Nunes que “rezava sozinho na margem do rio Madzimi”. (COUTO, 2002, p. 101).

Na obra, o rio ainda é visto como local propício para processos iniciáticos e para deleitar-se ouvindo estórias e costumes antigos. Foi lá, na infância, que Marianinho se “encantou de mil lendas” (COUTO, 2002, p.61). Em seu regresso à ilha, é apanhado pelas lembranças de variadas estórias ouvidas às margens do rio: “Há lugar melhor para deitar belezas? ”. (COUTO, 2002, p. 21).

Na esteira das tradições e alcançado pelas recordações, recorre sempre ao rio como porto seguro para ancorar suas emoções: “Venho perto do rio e escuto as ondas”. (COUTO, 2002, p. 20).

Finalmente, o rio é visto ainda como local favorável para a “última morada”, o entendimento é o de que morrer no rio “é um modo de não morrer”. (COUTO, 2002, p. 196). Nesse sentido, recorreremos a Eliade (2012, p.151) para melhor compreensão do texto literário. O autor menciona que “o simbolismo das águas implica tanto a morte como o Renascimento”, segundo o mesmo autor (2008, p.154) “A água assegura o renascimento *post-mortem* por rituais funerários”.

No final do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, o avô Dito Mariano encontra-se prestes a morrer, porém, não sem antes revelar os mistérios que circundam aquele lugar e o clã dos Malilanis. Após cumprido com todas as revelações, o patriarca manifesta seu último desejo: “Me leve agora para o rio. Eu quero ser enterrado junto ao rio”. (COUTO, 2002, p. 238).

Recorreremos, mais uma vez, ao mitólogo romeno Mircea Eliade (2018, p.151) objetivando buscar elementos que possam aclarar o texto literário, e entender melhor a importância dos rituais fúnebres. Segundo o autor “para certos povos, só o sepultamento ritual confirma a morte: aquele que não é enterrado segundo o costume, não está morto. Além disso, a morte de uma pessoa só é reconhecida como válida depois da realização das cerimônias funerárias”.

Marianinho volta a Luar- do-Chão para os rituais fúnebres, e acaba também por resgatar seu passado: “Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar”. (COUTO, 2002, p. 64). Nesse sentido, Marianinho cruza as águas para transformar, renovar. Segundo Piazza (1983, p.163) “Dois são os simbolismos próprios das águas: produção e renovação da vida, tanto no plano cosmobiológico como espiritual. (PIAZZA, 1983, p. 163).

Importante lembrar ainda que há muito tempo Marianinho havia perdido ao rio aquela a quem ele julgava ser sua mãe, Mariavilhosa: “quando entrou no rio seu corpo já era água. E nada mais que água”. (COUTO, 2002, p. 105), na oportunidade “houve quem testemunhasse que, naquela derradeira tarde, à medida que ia submergindo, Mariavilhosa se ia convertendo em água”. (COUTO, 2002, p. 105). Ao se analisar esse episódio e recorrendo a Mircea Eliade, temos que:

Tanto no plano cosmológico como no plano antropológico, a imersão nas águas equivale não a uma extinção definitiva, mas a uma reintegração passageira no instinto, seguida de uma nova criação, de uma nova vida ou de um homem novo. (ELIADE, 2012, p. 152).

Assim, é possível perceber o quanto o destino de Marianinho, bem como dos Malilanis encontram-se diretamente relacionados com os caminhos do rio Madzimi, que corta a ilha de Luar-do Chão.

Ao fim e ao cabo torna-se compreensível a devoção dos Malilanis, agora mais que nunca também de Marianinho, pelo rio. Ali, a personagem encontrara seu passado. A morte foi o elemento condutor de seu retorno à ilha, mas foi o rio que o fez ficar e reconstruir sua história.

Segundo Eliade (2008, p.158) “na água tudo se *dissolve*, toda a *forma* se desintegra, toda a *história*”. No caso de Marianinho, uma nova história se inicia, nas margens do Madzimi. Sua ancestralidade está naquelas águas: “sua mãe é o rio, está correndo por aí, nessas ondas”. (COUTO, 2002, p.105).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reportarmos-nos aos elementos fulcrais da obra *Um Rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do autor moçambicano Mia Couto, dialogando entre outros, com o autor Mircea Eliade, foi possível identificar o que se convencionou chamar de hierofanias, que são manifestações do sagrado, sendo que, na obra em questão, as evidências de sua presença foram contempladas na forma como os moradores da ilha de Luar-do-Chão, principalmente a personagem Marianinho, se relacionam com o Rio Madzimi.

Na observância do enredo, foi possível evidenciar que, entre memórias e rituais, o Rio Madzimi possui uma importância fundamental para os habitantes daquele local, notadamente para os Malilanis, que, consoante tradições e costumes atribuem a ele um caráter sacramental.

#### REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

\_\_\_\_\_. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Origens**: história e sentido na religião. Lisboa: Edições 70, 1969.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade aberta, 1995.



Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 31, ago. 2019 – ISSN 1983-2354  
[www.africaeafricanidades.com.br](http://www.africaeafricanidades.com.br)

PIAZZA, Waldomiro O. **Introdução à fenomenologia religiosa**. Petrópolis:  
Editora Vozes, 1983.

SHIVA, Vandana. **Las guerras del agua**: privatización, contaminación y lucro.  
México: Siglo Veintiuno Editores s.a de c.v, 2003.